

**18º Congresso Brasileiro de Sociologia
26 a 29 de Julho de 2017, Brasília (DF)
Grupo de Trabalho 39 – Sociologia digital**

Redes de informação e sociabilidade de jovens da região do Seridó Potiguar

Jeremias Alves de Araújo e Silva
Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Irene Alves de Paiva
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Melquisedequi de Oliveira Fernandes
Universidade Federal do Piauí

Resumo

Nas últimas décadas presenciamos mudanças significativas nas relações sociais possibilitadas pela disseminação da internet e da criação e atualização constante de ferramentas de comunicação. Neste “admirável mundo conectado” destacam-se a transformação na relação espaço/tempo, na qual percebemos o encolhimento do espaço e a aceleração do tempo causada pelo desenvolvimento dos transportes e o uso das redes de informação (HARVEY: 2014), (CASTELLS: 2001); bem como um reconfiguração do entendimento e usos da noção de espaços público e privado (SENNET: 1988), na qual passamos a disponibilizar nossas informações pessoais publicamente em troca de visibilidade, vivenciando, para o bem e para o mal, uma verdadeira sociedade da transparência (HAN: 2014). Nos interessa compreender como os jovens da região do Seridó se apropriam dessa realidade, e de como isso reflete na sua sociabilidade. O mote para a realização deste trabalho vem da obra “Polegarzinha” de Michel Serres (2014), ensaio filosófico no qual se explora as características desta juventude conectada. O título da obra, vem do hábito dos jovens digitarem rapidamente com os polegares, costume característico da geração atual. Neste trabalho, tentamos captar as variáveis apontadas pelo autor e compará-las às características de jovens que vivem em cidades da região do Seridó, Rio Grande do Norte. Para tanto, realizamos entrevistas com jovens alunos da rede pública na cidade de Parelhas, advindos desta e de outras cidades da região.

Palavras-chave: Juventude, Sociabilidade, Sociedade em rede, Tecnologias de informação, Seridó.

1. Introdução

Nas últimas décadas, as formas de interação entre as pessoas têm se modificado de forma rápida. Em grande parte, esse fenômeno observado por todos nós, ocorre devido à massificação das ferramentas de comunicação. O ritmo das relações sociais tem mudado de forma acentuada. A cada dia a velocidade das interações é superada pelo desenvolvimento de novas ferramentas que diminuem vertiginosamente a nossa noção de espaço; ao mesmo tempo em que acelera a nossa percepção de tempo.

Vivenciamos um processo de transição entre o mundo analógico e o digital. Aos poucos, as tecnologias foram sendo incorporadas às nossas vidas e quando nos damos conta, a maior parte de nossas tarefas diárias, passa a operar em uma lógica diferente. Vivemos atualmente na lógica das redes.

A depender do estrato social observado, essas mudanças são incorporadas de forma mais ou menos difícil. Nas filas dos bancos ainda é possível observarmos com certa frequência a dificuldade de pessoas de mais idade para realizarem operações em caixas eletrônicos. Para adultos em geral, é possível perceber claramente certa dificuldade em assimilar o uso de todas as ferramentas disponíveis, embora diversas delas já tenham sido incorporadas no seu cotidiano. A transição para essa forma diferente de organização social, baseada nas redes *online*, nos parece ser mais gradual para estes.

Os jovens, aparentemente, encaram esse conjunto de transformações sociais de forma diferente. Aqueles que hoje têm uma idade em torno dos 18 anos de idade, provavelmente já foram socializados em um ambiente marcado pela lógica das redes, mesmo que não tenham acesso a todas as tecnologias. Para estes, a velocidade das mudanças, parece ser regra e não exceção em suas vidas.

Nesse trabalho, nos propomos a analisar a forma com os jovens se apropriam destas tecnologias, e se e como essa apropriação tem gerado diferentes formas de sociabilidade. O mote para a publicação desse estudo, surgiu do contato com os jovens em sala de aula. As tecnologias passaram a fazer parte do processo educacional, em parte pela demanda dos próprios jovens.

No decorrer deste processo, tivemos contato com o ensaio do Filósofo francês Michel Serres, intitulada “Polegarzinha”. Na referida obra, o autor levanta questões sobre esta juventude conectada. Seu título é uma referência ao hábito, tão atual dos jovens usarem os polegares para digitarem mensagens de textos em seus aparelhos celulares.

Nessa perspectiva, nos interessamos em desenvolver um projeto de pesquisa com o objetivo de analisarmos no dia a dia dos jovens como a utilização, já naturalizada dessas tecnologias, caracteriza a suas relações sociais. Atualmente esta pesquisa se desenvolve também como nossa pesquisa de doutorado na Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, paralelamente ao projeto de pesquisa no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN, que desenvolvemos na condição de docente da instituição.

Nosso estudo se desenvolve no IFRN, *campus* Avançado Parelhas. Entrevistamos jovens, alunos dos cursos integrados em Informática e Mineração sobre questões referentes à utilização das tecnologias de informação no seu cotidiano. Até o momento aplicamos questionários para a obtenção de dados quantitativos com 76 alunos da referida instituição. Os dados qualitativos são fruto do diálogo com os jovens em sala de aula e na Escola. Posteriormente realizaremos entrevistas semiestruturadas, com o objetivo de ampliar a nossa análise.

2. Avanço e naturalização das tecnologias de informação

O processo social que tornou visível as mudanças disseminadas pelas novas tecnologias de informação no cotidiano das pessoas, e que aparentemente já vem sendo naturalizado pelos mais jovens, passa a ser notado com ênfase a partir da década de 1990, tem origens anteriores.

O advento da modernidade, que tem como uma de suas características mais fortes a industrialização e o desenvolvimento das ciências, introduz constantemente inovações tecnológicas no meio produtivo e, conseqüentemente na vida das pessoas. O mundo vive, desde então, a passos cada vez mais acelerados, regido pelos relógios das fábricas, expressão da racionalização tipicamente moderna, tanto quanto pelo controle burocrático que despersonaliza e transforma as relações em números.

Desde que se firma enquanto processo social de larga amplitude, a modernidade impõe uma aceleração do tempo, em proporções ainda não experimentadas pela humanidade, e cada vez maior, superando-se constantemente desde então. A popularização da eletricidade alongando o período de vigília das pessoas, a disseminação da comunicação por meio do telégrafo inicialmente e posteriormente do telefone, ferramenta que a partir da sua criação amplia suas capacidades constantemente, facilitaram o acesso entre as pessoas.

A humanidade vivenciou uma brusca reconfiguração da sua relação com o tempo. Se antes a produção era configurada pela natureza, como, por exemplo, as estações do ano determinando o momento de plantar, colher, vender, etc. com a modernidade, as máquinas passam a dominar essa relação. A disseminação do uso dos relógios, que passaram a dividir o tempo em unidades cada vez menores, deram maior precisão e ampliaram, de forma ainda não vista, as dimensões do tempo.

Essa reconfiguração do tempo gerou mudanças significativas na forma de ser e agir dos indivíduos. Se observarmos o período compreendido entre o início do século XIX e a primeira metade do século XX podemos perceber grandes mudanças de comportamento possibilitadas pelo uso das tecnologias. Se comparado a outros, o século XX, por ter sido marcado por tantas inovações tecnológicas, nos dá a impressão de ser um período histórico muito superior a 100 anos.

Neste período diversos equipamentos elétricos se popularizam, inicialmente nos países mais ricos do hemisfério norte e posteriormente para os demais países. A introdução de um eletrodoméstico como a geladeira, por exemplo, modificou a vida familiar de forma profunda. A capacidade de conservar alimentos, possibilitada pelo uso da eletricidade é um exemplo dessa reconfiguração do tempo no ambiente familiar. Pensando que a geladeira é apenas um dos diversos eletrodomésticos possíveis de existir em uma casa desde meados do século XX, podemos ter uma dimensão do que representa a disseminação dessas tecnologias no comportamento humano desde a industrialização.

No período compreendido entre o fim do século XX e as primeiras décadas do século XXI, tornaram-se comuns mudanças sociais decorridas do surgimento, e diferentes usos, das tecnologias de informação. Essas ferramentas passaram a fazer parte de nossas vidas em um processo aparentemente irreversível.

Entretanto, não temos a possibilidade de julgar seus impactos em nossas vidas de forma imediata, e sobretudo para onde essa onda com proporções revolucionárias pode nos levar no futuro. Estamos todos aprendendo a lidar com as tecnologias, sobretudo sob o ponto de vista do seu uso social.

Das atividades mais corriqueiras, como a forma de dialogar, ou ter acesso às notícias, até os procedimentos mais complexos, como a utilização de bancos ou tratamentos médicos mudaram profundamente em pouco tempo. Embora seus benefícios sejam apropriados e louvados por todos rapidamente, é claramente perceptível que nem todas as mudanças proporcionadas pelos usos das tecnologias são positivas.

Como todas as ferramentas criadas pela humanidade, as tecnologias de informação têm sido usadas para o bem e para o mal. Até os mais desatentos já ouviram falar em vírus de computador, por exemplo. Nos dias atuais algumas discussões antes classificadas como teoria da conspiração passaram a fazer parte do nosso cotidiano. Na mídia tradicional e nas redes sociais vemos cada vez mais referências a preocupações sobre que informações os governos, as empresas ou mesmo qualquer indivíduo isolado possa ter sobre cada um de nós.

Nesse admirável mundo conectado, já nos parece existir de forma disseminada a ideia de que precisamos aprender ou reaprender a lidar, não somente com as novas ferramentas, mas através delas com as instituições e pessoas de forma geral. Nosso cotidiano mudou radicalmente se comparado à vida que levávamos há alguns anos atrás.

Essa pode ser a visão daqueles que foram socializados no mundo analógico e que rapidamente foram inseridos no mundo digital, como pegos de surpresa e sem alternativas ou meios de fugir à nova realidade. Entretanto, ela não é menos impactante na vida dos jovens. Mesmo para aqueles que nasceram no ambiente conectado e que, cada vez mais cedo têm acesso às novas tecnologias por meio de tablets e celulares, esse processo também é impactante.

Mães e pais têm se esforçado para tentar compreender os usos e limites dos usos das novas tecnologias por parte dos filhos. Na verdade, ainda reaprendem em relação a si próprios. É imperativo por parte de todos pensar sobre a questão dos usos da tecnologia sob a pena de perdas e danos irreparáveis em suas próprias vidas.

Nesse trabalho nosso objetivo é compreender de que forma os jovens se apropriam dessas novas tecnologias de informação. De que forma aprendem e reaprendem seus usos e limites e se, e como, desenvolvem uma sociabilidade própria para lidar com o processo de informatização da vida que vivenciamos atualmente.

A juventude, que tem como característica ser um momento de autoafirmação no mundo, de criação de sonhos, projeção de futuro e construção da independência em relação à família é um momento da vida que enfrenta essas transformações de forma peculiar, nos arriscaríamos mesmo a dizer, de forma dramática. Obviamente não queremos afirmar com isso que esse processo não seja dramático para outros grupos sociais. Mas neste estudo nos interessamos particularmente pelos jovens.

O processo social que torna a condição juvenil o que ela é nos dias atuais está ligada a um conjunto de transformações sociais surgidos com o advento da modernidade. Essas condições modificaram profundamente a lógica de compreensão do mundo, bem como as práticas sociais.

Se considerarmos essa relação após o advento da internet, podemos sim falar em uma radicalização da forma como compreendemos a relação espaço tempo. Se pensarmos no trabalho, não estamos mais presos à lógica fordista. Vivemos tempos de economia flexível, de descentralização da produção. Muito embora pareça ser um mundo bem diferente, contém características semelhantes daquelas percebidas quando analisamos os momentos iniciais da era moderna.

Esses fatores implicam em mudanças na sociabilidade. A relação espaço-temporal é o gatilho para o desenvolvimento de novos esquemas de percepção da realidade, e conseqüentemente de práticas sociais peculiares, até então, mas disseminadas e naturalizadas desde então.

No mundo moderno, caracterizado pela racionalidade, pelo desenvolvimento da empresa moderna e pela burocracia, o cotidiano se modifica profundamente. A impessoalidade, a separação da casa do local de trabalho, a disciplina do corpo para o trabalho regido pelo relógio, implicam nem mudanças nas relações humanas.

No texto *A metrópole e vida mental*, George Simmel, nos fala das conseqüências do excesso de estímulos que passam a fazer parte da vida moderna.

Seria impossível viver na lógica antiga do período pré-moderno, da personalidade nas cidades grandes com seus milhares, atualmente milhões, de habitantes.

No mundo moderno os estímulos visuais e sonoros são infinitamente superiores em quantidade se comparados ao período pré-moderno. O indivíduo passou, e ainda é cada vez mais, bombardeado com imagens, textos e sons dos mais variados tipos a maior parte desses estímulos é meramente comercial.

Nesse mundo, o indivíduo passou a desenvolver uma espécie de proteção contra o excesso de estímulos. Simmel chama esse escudo de atitude *blasé*. Basicamente se trata de uma defesa inconsciente que permite ao indivíduo sobreviver nos grandes centros urbanos. Seria impossível conhecer todas as pessoas com as quais cruzamos na rua diariamente, tomarmos parte nas suas vidas ou sequer decorar seus nomes.

As placas nas ruas e os folders, inicialmente, e posteriormente os comerciais de rádio e televisão, as revistas e toda sorte de anúncios que vemos todos os dias também seriam impossíveis de assimilar. Já se sabe que assimilamos apenas uma ínfima parte deles. A atitude *blasé* pode tornar a era moderna indiferente ao próximo, o que traria implicações importantes para as formas de sociabilidade no mundo moderno se comparadas a outras eras e períodos históricos.

Uma das consequências do desenvolvimento desse escudo protetor que nos protege tanto de pessoas, como dos mais variados estímulos é a tendência para uma supervalorização da vida privada em detrimento da participação na vida pública em todas as suas dimensões. Se pararmos para pensar nisso, percebemos que a história sobretudo do último século é a história do declínio dos espaços públicos. Cada vez mais as ruas se tornaram lugares de passagem. As praças, o comércio de rua e os espaços abertos são preteridos nas últimas décadas em favor dos shoppings.

Richard Sennett na sua obra “O declínio do homem público: as tiranias da intimidade”, nos dá uma dimensão histórica e sociológica bastante ilustrativa dessa relação. Para o autor, a sociedade contemporânea tem um duplo problema: as soluções impessoais não despertam muita paixão. Apenas começam a suscitar quando as pessoas os tratam, falsamente como se fossem questões de personalidade. (SENNETT, 1998)

A leitura de Simmel aliada à leitura de Sennett nos esclarece sobre a sociabilidade no mundo moderno, sobretudo nos dias atuais. Cada vez mais recebemos estímulos comerciais por meio da conexão com a rede e cada vez mais nos conectamos a mais e mais pessoas. Duvidamos seriamente se podemos chamar de amigos mil ou mais pessoas que adicionamos às nossas redes sociais.

O surgimento dos espaços abertos para discussão na internet poderia nos levar a crer que presenciáramos um reavivamento da esfera pública. Em alguma medida isso até acontece, mas a fórmula de Sennett nos faz refletir. Com o culto narcísico típico das redes sociais, um problema público aparentemente ganha repercussão quando é, falsamente, tratado como algo de personalidade.

A utilização das novas tecnologias por si só não garante que as pessoas participem da vida pública ou que saiam da condição *blasé*. A disseminação do uso da internet deu asas à imaginação coletiva, muitos depositaram esperanças de que a sua utilização poderia tornar a humanidade melhor em muito pouco tempo.

Nesse momento, acreditamos que compreender como a juventude se apropria das novas tecnologias de informação, saber como ela pensa seus usos e limites, é fundamental. Aqueles que podemos chamar de jovens atualmente, nasceram no período de popularização da internet. Para muitos jovens a conexão com a internet foi algo naturalizado. Não nos espanta a fala de um garoto que achava que a internet sempre existiu.

3. A sociabilidade na lógica das redes: jovens, escola e sociedade

Nesta seção do texto apresentamos os resultados quantitativos que obtivemos até o momento em nossa pesquisa. Trata-se da apresentação da sua compilação, acompanhadas por uma primeira análise, a ser aprofundada no decorrer do trabalho de pesquisa.

No primeiro semestre do ano de 2017 entrevistamos, por meio de formulário eletrônico disponibilizado pela internet, 76 jovens estudantes dos cursos integrados do *Campus Avançado Parelhas* do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. O campus oferece dois cursos na modalidade integrado: técnico em mineração e técnico em informática.

O Jovens

A faixa etária dos alunos que responderam ao questionário foi dos 15 aos 22 anos de idade. A média de idade dos participantes da pesquisa é de 16 anos. Todos os participantes vivem em cidades da Região do Seridó potiguar: Acari, Equador, Jardim do Seridó, Santana do Seridó e Parelhas.

A renda familiar dos alunos varia entre 1 (um) e 5 (cinco) salários mínimos. 57,9% declarou no questionário ter uma renda familiar de até um salário mínimo. 26,3% declarou renda familiar entre 1 e 2 salários mínimos, 14,5% entre 2 e 4 salários mínimos e apenas 1,3% declarou ter renda familiar entre 4 e 5 salários mínimos.

Perguntamos qual a rede utilizada com mais frequência para se conectar à internet. 68,4% declarou utilizar principalmente a rede de casa. 28,9% a rede da escola.

O perfil econômico da maior parte dos alunos, indica que o acesso a bens de consumo tecnológicos é escasso, ou na melhor das hipóteses não é o que desejariam. Mas o fato de terem o acesso indica que os bens tecnológicos são privilegiados. Dentre eles o aparelho celular e a conexão da internet, como nos mostram os dados que apontam que mais de dois terços dos estudantes, apesar da baixa renda familiar têm conexão de internet nas suas casas.

O tipo de aparelho mais utilizado para acessar a internet é o celular. 86,8% dos alunos acessam a internet a maior parte do tempo deste dispositivo. 34,2% acessam a internet preferencialmente pelo computador/notebook. 2,6% por meio de tablets.

O sistema operacional mais utilizado é o Android, declarado por 67,1% dos estudantes. 23,7% utilizam o Windows. 5,3% usam o Mac e 3,9% utilizam com mais frequência o Linux.

Os dados quantitativos bem como nossas observações nos permitem afirmar que o celular é o aparelho mais importante para os jovens. É o centro das comunicações interpessoais, a principal fonte de lazer, de notícias e também uma ferramenta bastante utilizada para os estudos.

Quando inquiridos sobre a forma com a qual mais se comunicam com as pessoas 55,3% afirmaram que preferem se comunicar através de mensagens por meio de aplicativos. 38,2% preferem utilizar mensagens de voz, recurso incorporado

atualmente na maior parte dos aplicativos de mensagens. Apenas 5,3% preferem fazer ligações telefônicas. 1,3% declarou que prefere sempre se comunicar pessoalmente, ao invés de utilizar qualquer ferramenta tecnológica.

A mudança na forma de dialogar é uma das principais características da sociabilidade dos jovens. As ligações telefônicas aparentemente são coisa do passado. Não apenas por terem um custo financeiro, por comodidade a maior parte dos jovens afirmam que preferem enviar mensagem de texto. Aparentemente o telefonema se tornou algo intrusivo e indesejado na maior parte do tempo. Mais de um terço prefere enviar mensagens de voz gravadas por meio dos mesmos aplicativos, o que difere de uma ligação comum, que os mesmos aplicativos já oferecem atualmente.

Todos aqueles que responderam ao questionário afirmaram utilizar redes sociais na internet. A rede social mais utilizada é o Facebook, usada na maior parte do tempo por 44,7%. 32,9% utilizam o Instagram. Outras redes sociais surgiram em frequência bem menor.

A principal fonte de informação dos jovens é o Facebook, 40,8% deles afirmam que tomam conhecimento das notícias através desta rede social. 26,3% afirmaram que se informam principalmente através da televisão. 23,7% através de portais de notícias e 3,9% pelo Twitter.

As redes sociais constituem uma parte importante da vida social dos jovens. Lugar para ser visto, talvez quebrar a atitude blasé a qual Simmel se referia no seu texto a metrópole e a vida mental. Não se concebe a ideia de viver sem participar de pelo menos algumas delas, que passaram também a ser o lugar de organização das atividades presenciais dos jovens, os encontros dos grupos de amigos, para estudar e praticamente qualquer atividade em grupo.

Essa dinâmica aparentemente é bem característica dessa faixa etária que observamos. 69,7% responderam que os pais utilizam a internet, 30,3% não acessam. Perguntamos para aqueles que responderam que os pais utilizam a internet se eles a utilizam da mesma forma, para as mesmas finalidades que para os jovens. 69,7% disseram que não, 30,3% afirmaram que os pais utilizam a rede de forma semelhante a eles.

Novas formas de comportamento geram novos perigos. Os jovens aparentemente compreendem essa lógica. Quase todos, 94,7%, afirmaram que se preocupam com a privacidade na internet. E um número muito significativo 86,8% declarou que toma medidas para a sua proteção.

Em relação às amizades, 61,8% declarou que tem amigos que conheceu e com os quais se relaciona apenas pela internet. Entretanto, quando questionados sobre a forma como conheceram a maior parte dos seus amigos, 94,7% afirma que os conheceram pessoalmente.

Do total, 71,1% dos declarou que a principal forma de contato com os amigos se dá pessoalmente, 28,9% declarou que a maior parte de suas relações de amizade se dá por meio da internet. Embora a maior parte ainda prefira encontrar os amigos pessoalmente, nos chama a atenção o fato de que quase um terço dos jovens afirmem que suas relações interpessoais se dão preferencialmente por meio da rede. Nesse universo se inserem atividades que se dão exclusivamente pela rede, como por exemplo os jogos, que formam comunidades com jovens de todas as partes do mundo.

Nesse sentido, 94,7% declararam que a sua principal fonte de entretenimento se dá através da internet. Livros, televisão, ou mesmo atividades ao ar livre, parecem que estão cada vez mais em desuso. Entretanto um dado nos chamou a atenção 46,1% preferem fazer compras pela internet, a maior parte, 53,9% prefere comprar em estabelecimentos comerciais físicos. Aparentemente quando alguma atividade envolve valores financeiros, ainda há alguma desconfiança por parte dos jovens.

A escola

O universo escolar também foi tomado pelas tecnologias. Os alunos portam celulares, é fato. As redes wi-fi viabilizam a conexão no ambiente escolar e o uso das novas tecnologias é motivo de discussões acaloradas entre alunos, professores e pais. Entretanto, muitas tecnologias têm sido incorporadas ao ambiente escolar e à sala de aula. Desde os slides, aos sistemas pelo qual os professores disponibilizam materiais de estudo, notas e aviso, até o uso das redes sociais como ferramenta pedagógica por parte de algumas disciplinas.

Formulamos algumas questões que para que pudéssemos ter uma melhor compreensão da forma como os jovens pensam esse quadro. O primeiro dado nos informa que 98,7% dos alunos utiliza a internet como ferramenta de estudo. A internet disponibiliza o mundo a um toque na tela e essa possibilidade é explorada pelos alunos, que ganham tempo nas suas pesquisas, podem ver conteúdos por outras perspectivas, fatos que permitem que avancem mais rapidamente nos seus estudos.

Uma grande discussão no ambiente escolar diz respeito ao uso do celular em sala de aula. 67,1% utilizam a internet em sala de aula, 32,9% afirmaram não utilizar a internet em sala de aula, de forma alguma. Longe de fazer um juízo de valor, reparamos algumas condutas curiosas em sala de aula, no que diz respeito ao uso do celular. Os alunos fotografam o quadro, ao invés de copiarem, tudo bem, seria algo prático, para ganhar tempo. Mas reparamos que muitos fotografam slides que são disponibilizados na internet e até mesmo o livro didático é fotografado. Parece que aquilo que não é fotografado não existe ou aquilo que é fotografado será lembrado, o que em termos de estudo nem sempre representa a verdade. Nem sempre os registros fotográficos são vistos. Esse ponto, especificamente, aprofundaremos com atenção na continuidade da pesquisa.

Perguntamos para os alunos se a internet deveria ser mais utilizada em sala de aula, 82,9% afirmaram que sim, 17,1% que não. A maioria anseia por mais conexão e utilização de ferramentas digitais no cotidiano da sala de aula. Esse dado nos chama a atenção uma vez que, quando perguntados se a escola se adaptou às novas tecnologias de informação, 89,5% dizem que sim e apenas 10,5% afirmam que não. Na visão da maior parte dos jovens a escola se adaptou às tecnologias, entretanto, há um desejo de que essa condição seja ampliada e melhorada.

O trabalho

A maior parte dos alunos que participaram da pesquisa ainda não trabalha. São jovens com média de idade de 16 anos que vivem, majoritariamente, com os pais e deles dependem economicamente para viver. Nesse sentido, formulamos algumas questões gerais sobre o trabalho na sociedade atual, na tentativa de compreender as visões que eles têm das relações de trabalho na sociedade atual.

Perguntamos se a internet modificou a forma de trabalhar. 97,4% afirmaram que o uso da rede modificou, de forma geral, a forma de trabalhar. Estes jovens

acreditam que as relações de trabalho que encontrarão em pouco tempo será diferente daquelas que os seus pais tinham, até um passado recente ou que ainda têm atualmente.

Nessa fase de projetar o futuro, é comum que os jovens pesquisem sobre diferentes profissões, sobre o mercado de trabalho, sobre a visão social que cada carreira, que possivelmente venham a desenvolver, tem. Nesse sentido 72,4% afirmaram que sim, 27,6% dizem que não quando perguntados se buscam informações sobre trabalho na internet.

Para a maior parte deles, 66,2% o uso das redes sociais é um problema para as relações de trabalho, para 33,8% que não. Aparentemente, há uma visão de que além de ser um elemento que visivelmente reduz a capacidade de concentração, as redes sociais podem trazer para o ambiente de trabalho informações que poderiam prejudicar a visão de si próprios que gostariam que as empresas deveriam ter. Essa constatação extrapola o questionário aplicado, mas é tema recorrente entre os alunos nas aulas de sociologia, quando a temática é trabalho e redes sociais.

Muitos também externam dúvidas sobre determinadas profissões para as quais o uso das redes sociais é “obrigatório” e como lidar com isso. Nesse sentido, questionamos se a maior parte das profissões vai se adequar ao uso da rede. Quase todos 92% afirmaram que sim e apenas 8% que não. Esse dado nos mostra que quase todos sabem que precisam reaprender a lidar com determinadas ferramentas em rede, que as fronteiras entre o público e o privado têm se alterado constantemente.

4. Considerações Finais

Este trabalho apresenta os resultados preliminares de uma pesquisa desenvolvida com o objetivo de compreender de que forma os jovens têm se apropriado das novas tecnologias e como isso tem gerado diferentes formas de sociabilidade.

A pesquisa surgiu devido à recorrência do tema nas aulas de Sociologia, amparada na leitura do ensaio “Polegarzinha” de Michel Serres, no qual o autor reflete sobre a relações sociais dos jovens conectados dos dias atuais. tentamos

compreender como esse processo se dá entre os jovens da região Seridó, interior do Rio Grande do Norte.

Inicialmente tentamos compreender melhor as mudanças que nos trouxeram para a condição atual de uso das tecnologias. Para tanto, trabalhamos em uma revisão de literatura sobre a temática o que nos possibilitou uma compreensão inicial que permitiu elaborarmos um questionário quantitativo envolvendo diferentes dimensões da vida dos jovens.

Os dados quantitativos, enriquecidos até aqui pelas falas dos alunos em diferentes momentos da vida escolar, nos mostram que os jovens se apropriam das tecnologias e que as utilizam como suporte para às mais variadas atividades de suas vidas. Percebemos que há uma compreensão da rapidez das mudanças e que estas mudanças demandam aprendizados técnicos e sociais.

5. Referências

BOURDIEU, Pierre. PASSERON, Jean-Claude. **A Reprodução: Elementos para uma teoria do Sistema de Ensino**. Petrópolis, RJ, 2008.

LEVI, Giovani; SCHMITH, Jean-Claude. **História dos Jovens**. São Paulo: ed. Schwarcz . Vol.1, 1996.

CASTELLS, Manuel. **A era da informação: economia, sociedade e cultura. Vol 1: A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

HAN, Byung-Chul. **A sociedade da transparência**. Lisboa: Relógio D'água, 2014.

HARVEY, David. **A Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

SENNET, Richard. **O Declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

SERRES, Michel. **Polegarzinha: Uma nova forma de viver em harmonia, de pensar as instituições, de ser e de saber**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

SIMMEL, George. **Questões fundamentais de sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

SIMMEL, Georg. **A metrópole e a vida mental**. In: VELHO, Otávio G. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.